

# Grand Egyptian Museum

ÉOLO DE CASTRO MAIA  
JOSÉ EDUARDO FEROLLA  
JÔ VASCONCELLOS  
MAURÍCIO J. L. CAMPOMORI

## I – UM CONCEITO PARA O MUSEU

### IMAGEM

A melhor maneira de você perceber a escala das pirâmides é vê-las recortadas no horizonte, ao pôr do sol no Monte Saladino.

Em Gizah só poderá comparar aquelas enormes pedras com as outras ou com você mesmo, e você somente poderá perceber, ali, quão frágeis somos, mas lá de cima, no *skyline* daquele poeirento e difuso *townscape* da Cairo medieval e islâmica é onde realmente você se dará conta da magnitude e da perfeição geométrica delas.

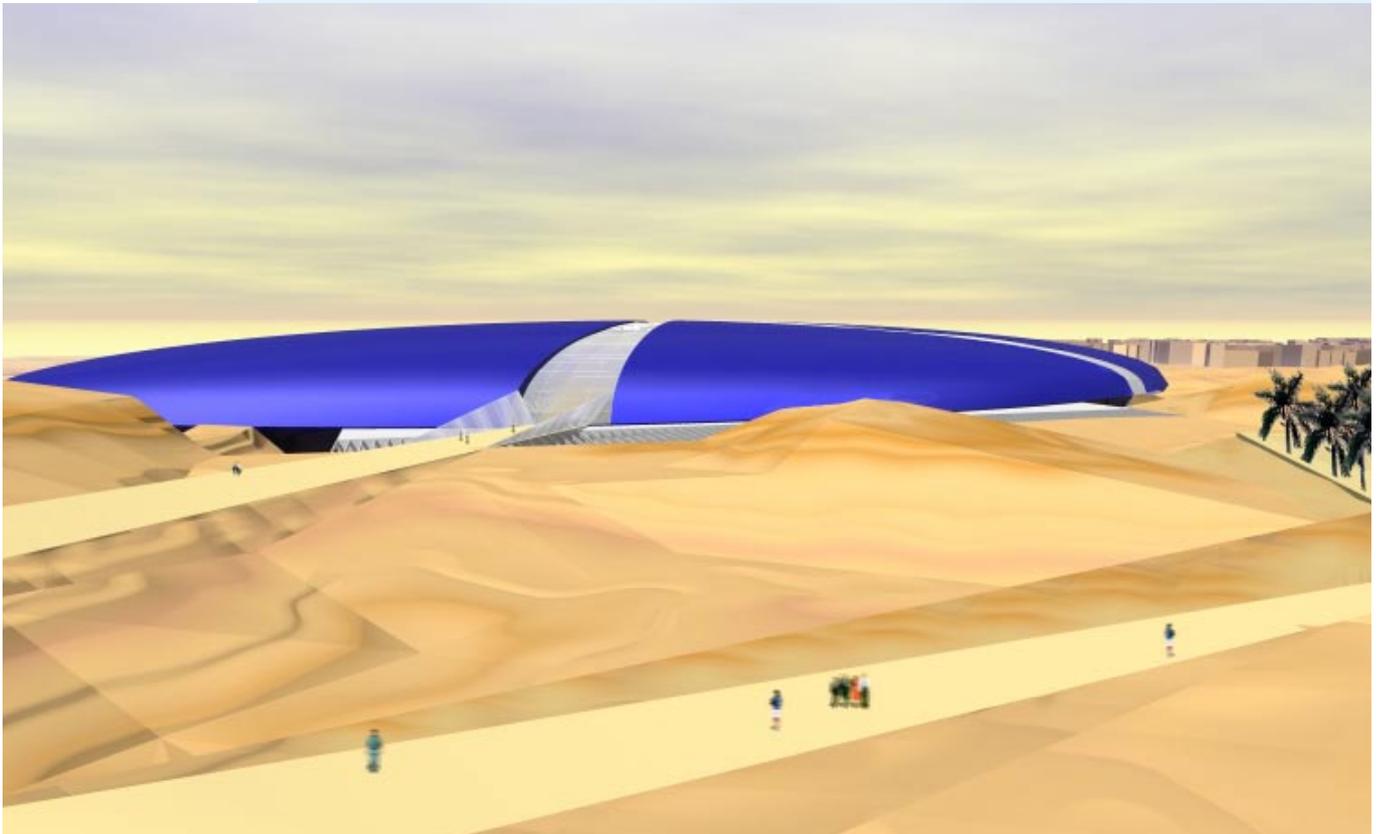
Por maior que seja a nova edificação deste museu, e será bem grande, mesmo proposta para estar assim tão perto delas, ainda assim será impossível sobrepujar a dignidade das três pirâmides, nem vale a pena tentar, mas certamente ocorrerá ali um diálogo entre o antigo e o novo. E para que a conversa se inicie, cabe tomar emprestado delas os conceitos que serão necessários para construir o museu:

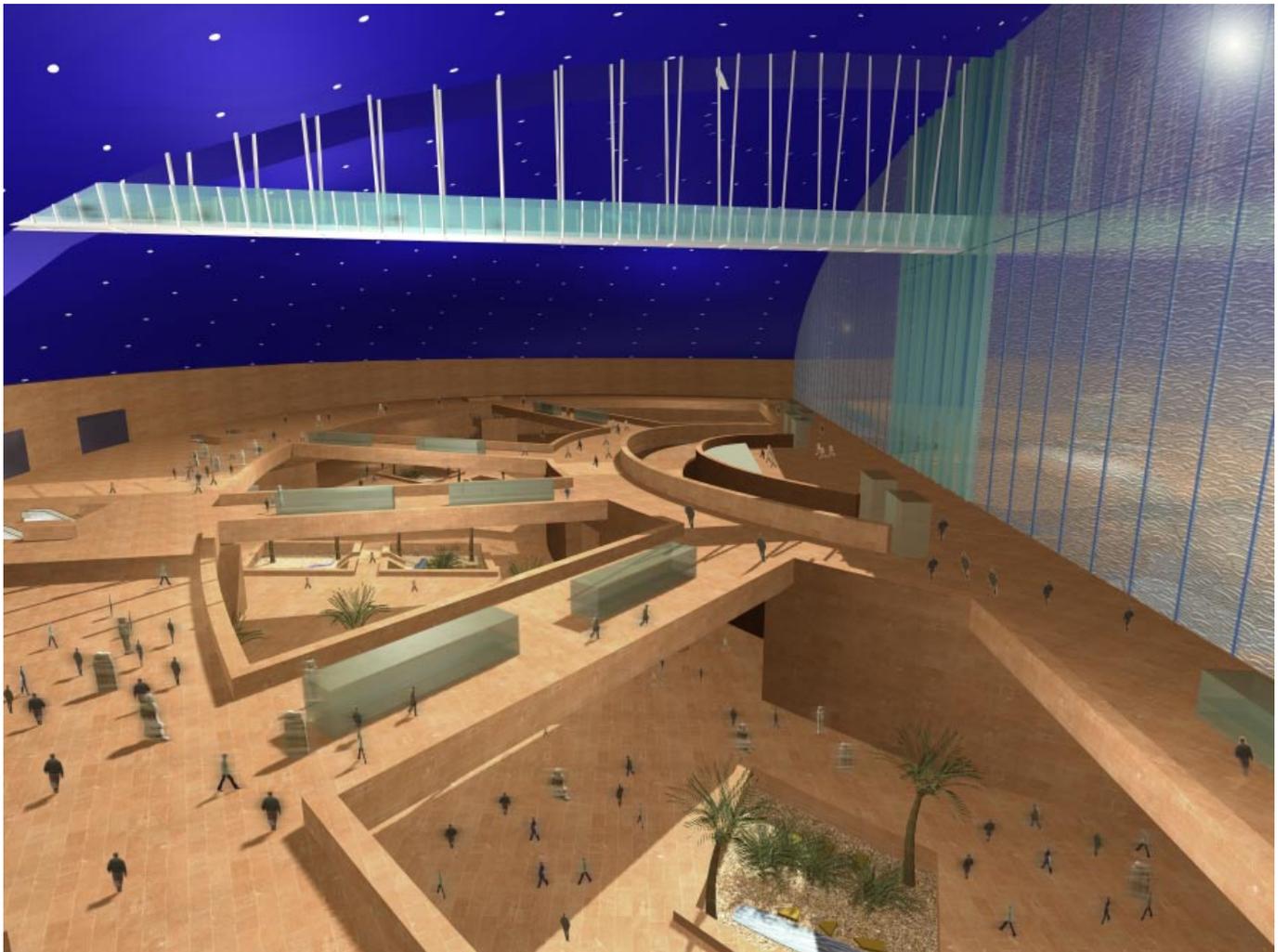
Compacidade - Exatidão Geométrica  
Unidade Formal - Centralidade Sacralizada

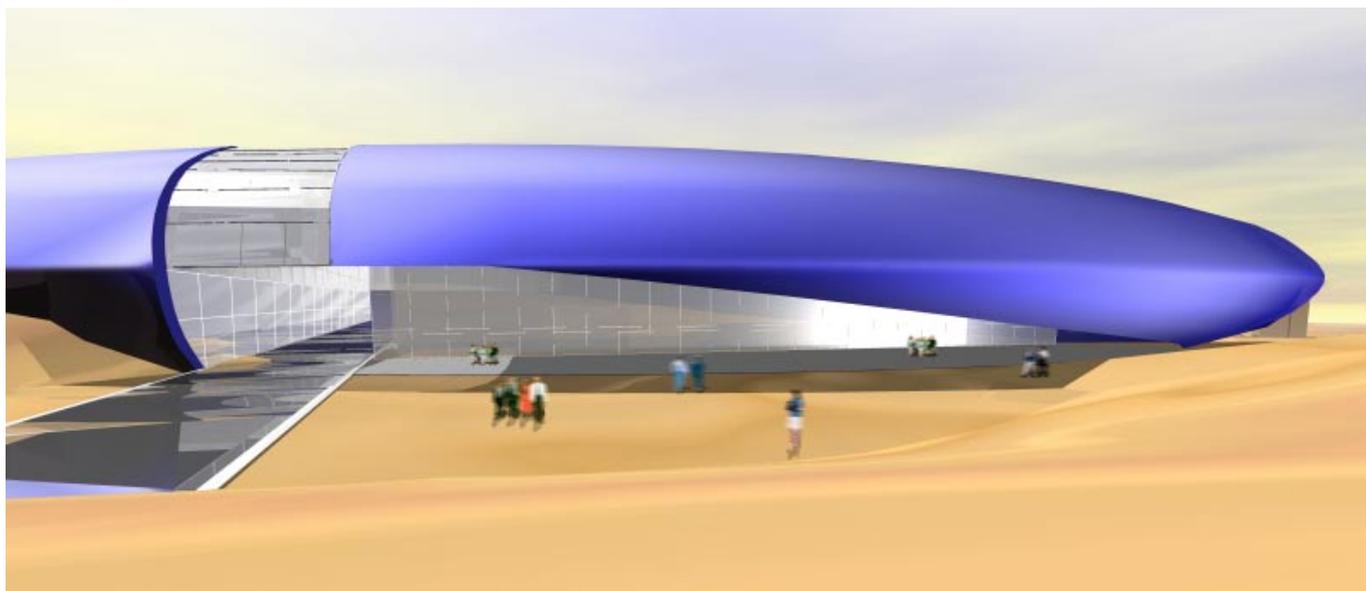
Estes conceitos irão estabelecer um novo diálogo urbano com uma imagem cuja origem possivelmente possa ter surgido dos mesmos processos usados pelos egípcios antigos, empregando, talvez também como eles, a mais avançada técnica então disponível, mas subvertendo completamente a ordem do cenário: se lá, na mesma cor das dunas circunvizinhas do deserto, as pirâmides emergem verticalmente para cortar um céu azul profundo, aqui, agora, parecendo florescer dos contornos incertos e irregulares da areia, se expandindo horizontalmente, um domo elíptico brilha, azul, em sua forma perfeita.

### UM CONCEITO PARA AS ROTAS

Qual será a melhor rota? A temática? A cronológica? A hipertextual? Todas ao mesmo tempo. A melhor rota do museu é a rota que você escolhe. Você poderá fazer suas opções a partir de um balcão centralizado de onde você enxerga praticamente todos os espaços da exposição: sob a abóbada azul, eles estão dispostos em dois níveis principais: a exibição menor permitindo ver abaixo as áreas maiores, separadas pelos jardins egípcios onde você poderá descansar. Os trespasses destes dois pisos produzem escalas diferentes, lugares mais privados em condições ambientais também diferenciadas. O layout elíptico permite desenvolver cinco rotas radiais, temáticas, cortando nove rotas concêntricas, cronológicas. As mídias virtuais no balcão permitem fornecer toda a informação que você necessitará para percorrer a







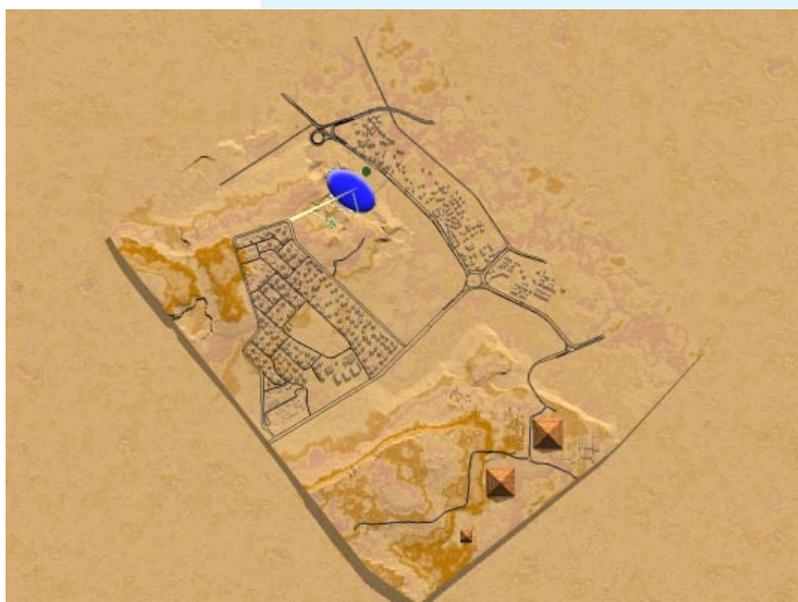
rota que escolher, mostrará onde estão as coleções ou os objetos que você quer ver e o caminho a seguir para achá-los. Imprima o mapa, pegue o *headphone*, siga adiante e esqueça o tempo passando: você irá experimentar a eternidade. Senão, se você conhece pouco da história egípcia, ou não dispõe do tempo necessário nem para uma vista geral naqueles grandes espaços de exposição, você pode tomar a rota sinóptica: ali, numa elíptica e *wrightiana* rampa descendente, objetos reais dispostos em contextos virtuais irão cronologicamente descrever toda a saga dos faraós: onde viveram, como sobreviviam e, principalmente, que legados nos deixaram. Este trajeto termina em um hall dando acesso a outro percurso elíptico, menor e ainda mais interiorizado, gradualmente obscurecendo que logo adiante te deixará perante a atração mais importante do museu: o tesouro de Tutankhamon. Ali, após atravessar paredes de pedra aparentando espessura colossal, você verá no lugar mais central e mais baixo de todo o edifício, em uma câmara pequena,

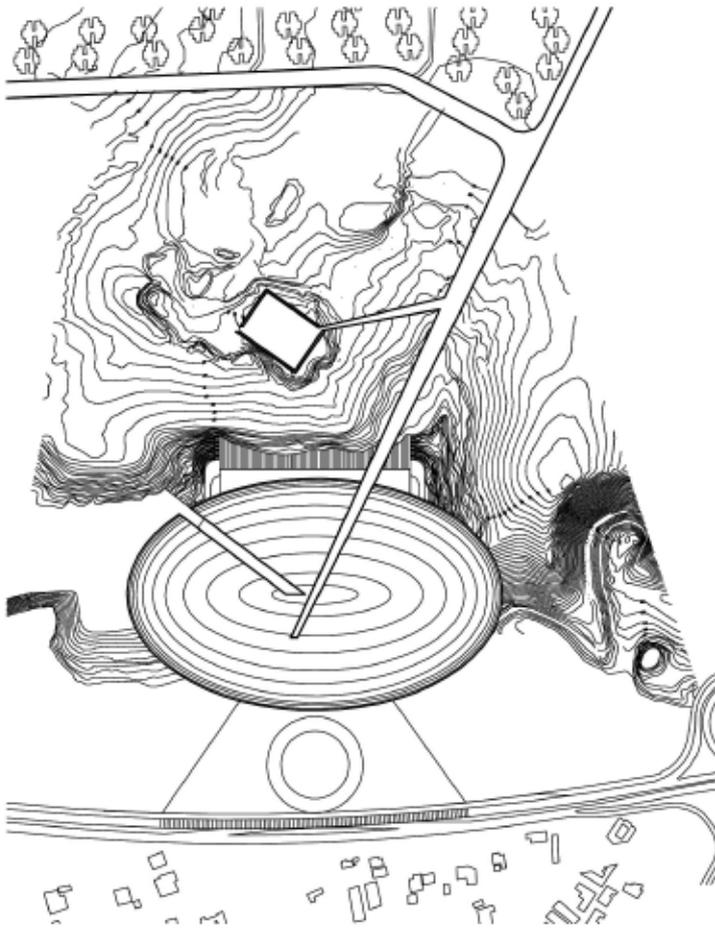
silenciosa e retangular, o mais íntimo e o mais sagrado da herança de Tutankhamon: seu sarcófago, sua máscara dourada e o buquê de flores secas deixadas sobre seu peito. Descansando entre as sombras, flutuando em um foco natural de luz solar refletido dos dispositivos óticos particularmente orientados lá do topo da elipse. Tudo isto lhe tomará não mais que duas horas e meia. Cansado? Basta cruzar a cortina de água correndo entre os dois vidros à entrada e retornar ao hall, onde você pode fazer compras, comer, conversar e descansar, ou até mesmo seguir a linha do Nilo simbólico em direção ao parque aberto onde melhor você poderá apreciar as pirâmides entre as dunas. Ou você pode descer, visitar o Instituto Científico e assistir a uma conferência. Hora de ir para casa? Continue descendo, pegue seu carro, um ônibus, um táxi. Um museu, uma escola, um centro de convenções e um shopping: tudo junto, conectado pelo grande hall, mesmo este um enorme e aberto lugar de exibição. Como na tradição antiga: no leste do Nilo, todas as atividades vivas, mundanas e urbanas; ao oeste, semi-enterrado na areia, no lado reservado para os mortos, o mistério, o tesouro e o sagrado. Você tem apenas que escolher.

## II – LOCUS

### O GÊNIO

Para aqueles que vêm do Cairo, o que primeiro se vê do terreno do museu é aquele padrão infindável de dunas de Gizah, uma enorme quantidade de areia, quase impossível de captar numa única olhadela, mas claramente dividido, com sua parte mais inferior, mais adequada ao assentamento do museu, em contato direto com a DesertRoad. O museu ali ficará mais bem protegido dos ventos e das tempestades de areia, resguardado dos ventos quentes vindos do sul e do ocidente, ficando a





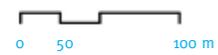
IMPLANTAÇÃO



CORTE TRANSVERSAL



CORTE TRANSVERSAL



região superior no seu natural, caráter de duna. Mesmo naquelas regiões mais baixas você não poderá evitar a sensação de ser observado pelas pirâmides. Estes “observadores” continuarão ativos no espaço interno do museu através de um corte fino no domo, alargado abaixo para permitir melhor perspectiva e acesso ao exterior. Não se trata de um lugar isolado, conseqüentemente é impossível e indesejável ignorar os povos que vivem acima, no bairro residencial: há muito divertimento, lazer e informação cultural abaixo, esperando-os, por isso o outro corte no domo, permitindo que percorram uma rota aérea vendo todo o complexo sem comprometer a segurança e as condições climáticas do museu e terminando no centro do shopping. Isto manterá o espaço sempre animando e fornecerá, para aqueles moradores, um atalho significativo até a *DesertRoad*.

#### IMPLANTAÇÃO E CONEXÕES

Decididos em manter o edifício na porção mais inferior, num platô 4.80m acima do nível médio,

no trecho, da *DesertRoad*, estabelecemos a nossa geometria, como os antigos faziam, traçando dois eixos: o primeiro paralelo à *DesertRoad*, o outro, flexionado para a visibilidade das pirâmides, coincidentemente norte-sul. Ortogonal ao primeiro, em seu ponto médio, ficou estabelecido o eixo da entrada principal. Atravessando o platô, estes dois eixos organizam o projeto inteiro.

Para criar aproximação visual melhor desde a *DesertRoad*, a pista da direita foi elevada e todas as conexões de acesso veicular escondidas abaixo, ligando a estrada ao museu em tono de uma grande praça circular, invisível do edifício novo, mas eficiente e discreta. Este é o único espaço construído, ainda que negativo, visto no nível da base do edifício. Basicamente um apoio de arenito gradualmente se dissolvendo na areia.

Além desta entrada principal, partindo da mais distante e superior esquina do conjunto residencial, descendo sobre as dunas e alcançando, ainda que 24,40m acima, a interseção destes dois eixos perpendiculares, passo o caminho dos moradores. Esta altura será intencionalmente dissolvida entre os níveis internos do edifício, convidando-os a conhecer e usar este conceito novo do museu. É um longo caminho, mas no meio há um depressão na areia preparada para o descanso. Um lugar contemplativo e intimista, o quadrado do oásis, de onde você pode também andar até o parque das dunas. O outro eixo, direcionado para as pirâmides, definirá o único espaço ao ar livre ligado às áreas principais do edifício interno, onde você poderá sair para melhor admirar as pirâmides entre as dunas. Neste eixo, como que nascendo de lugar nenhum, corre um Nilo simbólico, dividindo as atividades internas do museu: a leste, conectada à estrada, o “profano”; a oeste, semi-enterrado, semi-erguendo contra as dunas, o “sagrado”.

O contraste entre este platô e as dunas naturais é uma inclinação, começando totalmente geométrica, derivada dos serviços do edifício e da forma dos espaços técnicos, mas gradualmente, mimeticamente, se confundindo com a topografia natural.

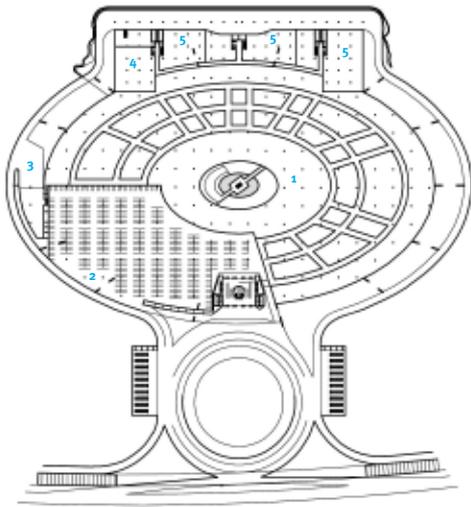
O resto, esperamos que fique intacto, como sempre esteve.

#### III - O CONCEITO DO PROJETO

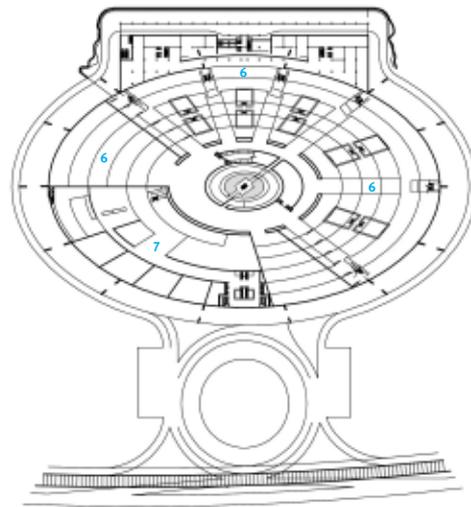
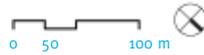
##### ESTRUTURA ESPACIAL

Procurando o melhor esquema funcional para articular tantas e tão diversas atividades através de conexões, a primeira parada foi no círculo, mas este não assentou nem coube bem no local da maneira que esperávamos, assim acabou se espichando ao longo do eixo principal, transformando-se numa elipse. Perdendo o egocentrismo circular, a nova forma permitiu melhor diálogo entre a centralidade

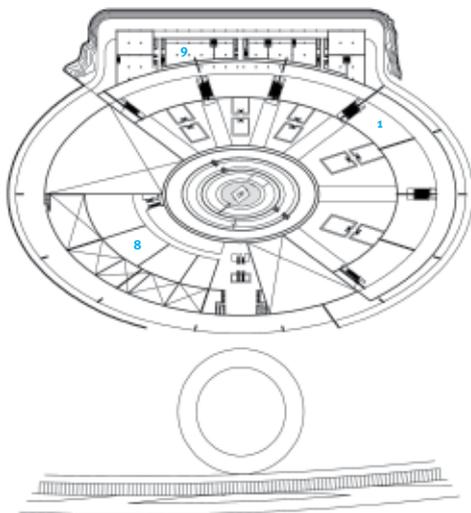




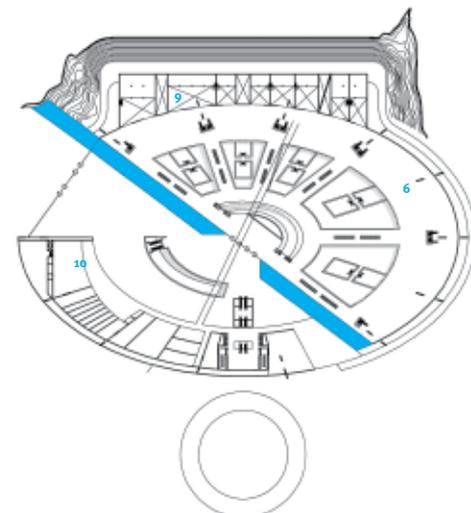
PLANTA NÍVEL 24,80



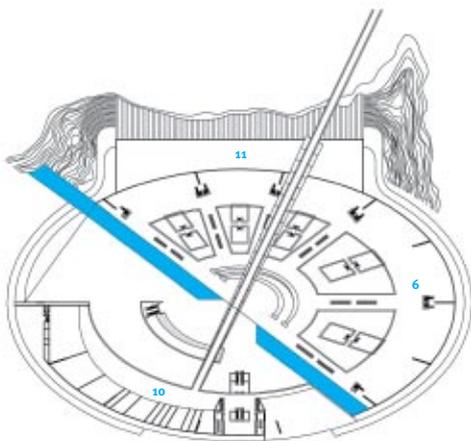
PLANTA NÍVEL 27,20



PLANTA NÍVEL 29,60



PLANTA NÍVEL 39,20



PLANTA NÍVEL 39,20



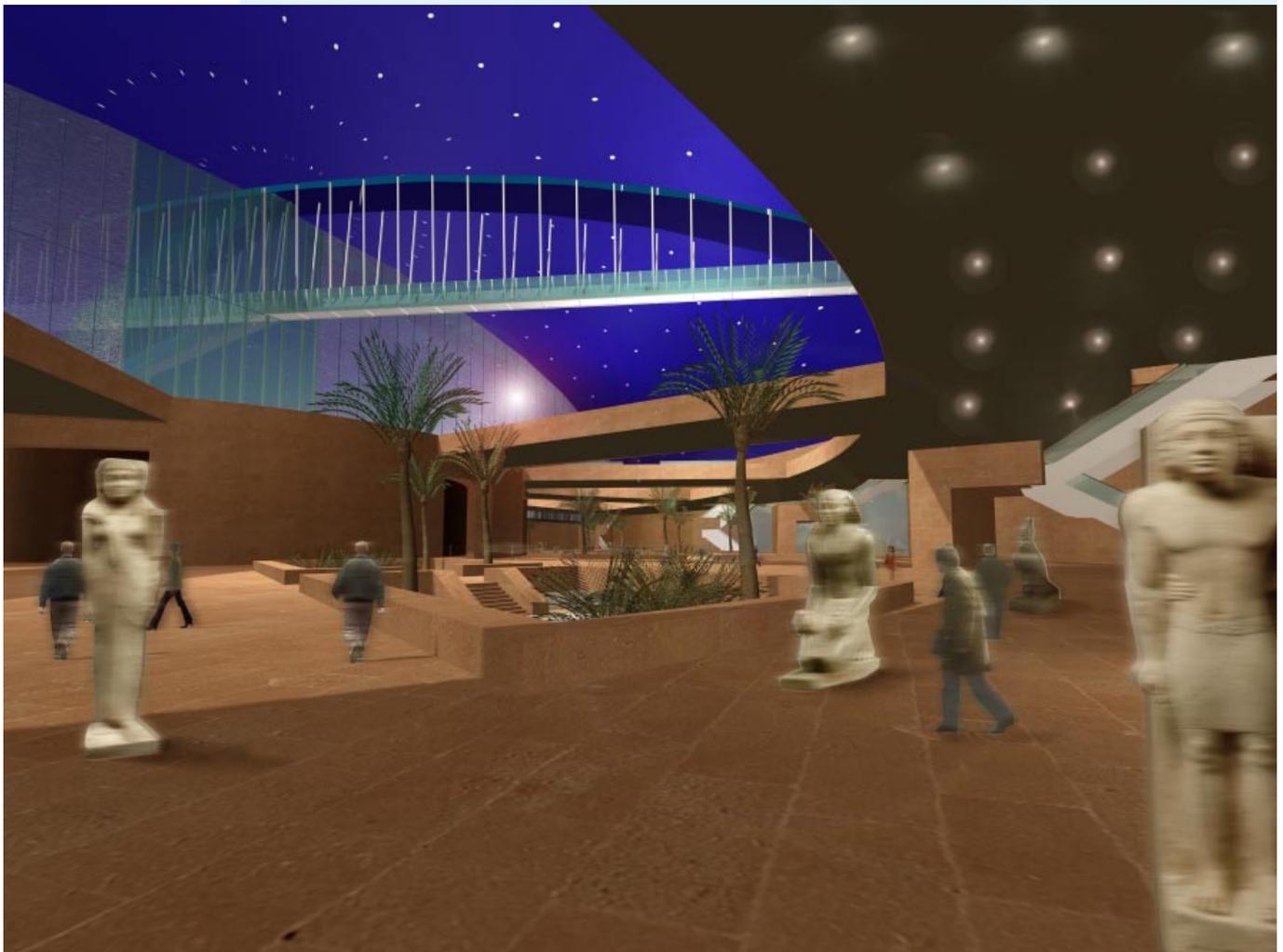
- 1. Galeria Técnica
- 2. Estacionamento
- 3. Pátio de Serviços
- 4. Depósito
- 5. Salas de Controle/Instalações
- 6. Exposições
- 7. Biblioteca/Midioteca
- 8. Escritórios/C.P.D.
- 9. Laboratórios
- 10. Mall
- 11. Cobertura

interna necessária e as axialidades desejadas. Com os espaços de serviço no embasamento escondidos da linha de visão, os eixos da elipse, parecendo emergir da areia, giram e criam espaço, expandindo do solo em direção ao seu equador, daí retraíndo um domo elipsóide, abrigando todos os espaços principais. Foram feitos três fendas neste domo: a mais fina, frontal, encontra-se horizontalmente no equador da elipse, expandindo-se para dentro em um vidro curvado e translúcido que traz a luz natural aos espaços mais públicos. A outra segue acima do Nilo simbólico e, alcançando o equador, expande para baixo a fim permitir relações interior/ exterior. A última começa na interseção do caminhos dos moradores com o domo, cruza o museu e o hall central para terminar no andar superior dos espaços comerciais públicos, dispostos verticalmente em três anéis e mezaninos elípticos em torno da entrada principal do museu, no centro, mantido isolado por um grande hall aberto mas coberto, acomodando já parte da exibição. O museu propriamente dito também se desenvolve em anéis concêntricos, um terço de sua área total situada em um mezanino, conectado ao espaço central por seis grandes balcões para exibição no mesmo nível do grande hall. O espaço central acomoda o hall principal do controle,

cercado pelas rotas sinóptica e de Tutankhamon, descendo em direção ao túmulo do faraó, já no mesmo nível do grande espaço de exposição. Escadas rolantes, elevadores e escadas de segurança estabelecem todas as conexões verticais necessárias.

#### ESTRUTURA FORMAL

Esta estrutura espacial apóia-se em pesados pisos de concreto sobre um *grid* de galerias técnicas, no porão, conectadas aos serviços, à segurança e às áreas técnicas. Todos os *inputs* técnicos necessários para fornecer iluminação artificial, segurança e as especiais condições ambientais de exposição são fornecidas destas galerias, permitindo uma flexibilidade grande na maneira de expor as coleções. Os espaços de exposição sob os mezaninos, acima, e o balcões reservados para peças mais delicadas – estão articulados a estas facilidades, vindas da galeria e/ou do piso técnico também existente logo abaixo do nível dos balcões. Inteiramente revestidos com a textura áspera do arenito, como todas as divisões fixas, estas plataformas transmitem a imagem de paredes de pedra de um antigo anfiteatro. As divisões leves, todas em vidro, ora transparentes, ora opacos ou translúcidos, atuam como intervenções neste edifício “antigo”. O conceito é flexível o suficiente



para acomodar qualquer tipo de sistemas de segurança e de prevenção de incêndio. Sobre tudo isto, protegendo o espaço da poeira, uma grande “tenda” de alumínio azul em dupla camada. A externa sólida e brilhante, a interna opaca e perfurada nas junções com pequenas fendas, formadas por pequenas linhas como se vê representando das estrelas nos tetos dos túmulos dos faraós, criando a aparência de uma noite estrelada, cobrindo uma série dos arcos radiais de treliças de aço alcançando um anel elíptico central. Comparando a seção a maior à altura do domo, a relação é de 1:10, muito apropriado para este sistema estrutural. Entre estas duas camadas as treliças estão dispostos todos os equipamentos técnicos e demais facilidades, conectados também nas galerias técnicas por trás dos espaços públicos e ao grid e docas no porão. Partindo do ponto mais alto do exterior do domo, concentricamente dispostos e cobrindo 40% do topo da semi-elipse, células fotovoltaicas gerarão a energia suficiente para o movimento constante da “cascata” entre os vidros duplos à entrada, separando os espaços públicos dos espaços do museu, como também na amenização ativa do clima dos espaços internos não demandando condições especiais. Dispositivos parabólicos ópticos, instalados no topo, capturarão a luz natural e, após concentrá-la, emitirão um feixe para lugares específicos na tumba de Tutankhamon.

#### EXPANSÃO

Considerando a escala do museu, seus espaços permanecerão imutáveis pelo menos pelos próximos dez anos. Expandir uma estrutura deste porte, por outro lado, ocasionaria percursos extremamente extensos e cansativos desaconselháveis para qualquer museu. Caso passadas algumas décadas o acervo histórico do Egito tenha se tornado tão extenso a ponto de não mais caber nos dois museus, talvez um terceiro, mais específico, deva ser considerado. Não obstante a imprensa ter anunciado, e todo dia há outros anúncios sobre novas descobertas em Gizah e pelo Egito afora, não obstante o desejo do governo egípcio de reclamar a devolução de todo o seu patrimônio em museus pelo mundo afora e as contínuas atividades arqueológicas, tudo isto é de se esperar que ocorra uma expansão da coleção. Consideramos, contudo que isto repercutirá principalmente em necessidades iniciais de armazenamento: antes de serem expostas, as peças novas devem ser restauradas, catalogadas e protegidas, sendo que a maioria delas só será mostrada em exposições temporárias e/ou itinerantes, ou quando muito substituirão, por significativas e/ou representativas de determinado assunto ou tema, alguma outra peça em exposição. A área de armazenamento poderá ser facilmente dobrada, ou tornar-se ainda maior, pela escavação no outro

lado da rota do serviço. Este trabalho, mesmo quando em andamento, permitirá manter intocável o funcionamento do museu. Por outro lado, caso ainda se faça necessário expandir os espaços de exposição, o espaço de armazenamento anterior pode facilmente passar a ser público, sem qualquer modificação significativa na imagem inteira do edifício. Mais que isso estará comprometido todo o sistema, resultará em cansativos espaços de exposição (vide o Louvre), e melhor será buscar outra solução, por que não em Luxor, ou Karnak?

#### PROPOSTAS RELACIONADAS

O planeta inteiro está urgentemente clamando não somente por um novo estilo de vida, mas também por sistemas capazes de maior sustentabilidade. O Egito tem muitas fontes possíveis para produção de energia alternativa: grande incidência solar, ventos fortes e contínuos durante todo o ano, dentre outras. Desde 1994 que o país regulamentou, através do EEAA, diversas leis e outros meios proteger e regular seu ambiente, assim como promover políticas voltadas para a geração e desenvolvimento de energia limpa. Considerando o estabelecimento deste novo edifício, e também a importância deste platô histórico, seria desejável mudar os usos atuais nos locais vizinhos – acrescentando a eles os sistemas limpos adotados já no museu, tais como a energia fotovoltaica – mantendo vazio o espaço entre o museu e as pirâmides, dedicando-o a um parque energético. Limitado por uma “cerca eólica” na divisas sul e oeste, estes dispositivos se transformarão eles mesmos numa atração nova. Além destes recursos, “células combustíveis”, alocadas em lugares escondidos pelas dunas, produziram a energia assim como a água, bem como as chamadas “luzes”. Naturalmente que estes sistemas, considerando a área disponível e a concepção desejável de se manter as dunas em sua forma mais natural, serão insuficientes para a autonomia completa do edifício, mas muito mais importante será seu papel didático, complementando as finalidades culturais de um empreendimento destes. ■

**Local:** Cairo, Egito

**Ano do Projeto:** 2002

**Autores:** Éolo Maia, José Eduardo Ferolla, Jô Vasconcellos, Maurício J.L. Campomori

**Colaboradores:**

3D - Guilherme Mendes, Wagner, Léo Moraes  
Desenhos/3D/Montagens - Alexandre Kokke Santiago, Ana Carolina, Cassiano Rabelo e Silva, Carla Atayde Casadei, Carolina Marques Coelho, Eduardo França, Flávia, Graziela Carneiro Malaco, Guilherme Canabrava, Ivã Nunes Sampaio, Lia Feital Fusaro, Miriam Hiromi Sasaki

**Consultores:**

Sustentabilidade Energética - Elizabeth Marques, Lauro Vilhena  
Brandão, Guilherme Monteiro Oliveira  
Estrutura - Hélio Pereira Chumbinho